



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária sobre segurança alimentar

L'Aquila-Itália, 10 de julho de 2009

Jornalista: Presidente, (incompreensível) a Itália está propondo a institucionalização do G-14, tem G-20. Qual é a proposta brasileira mais acabada para a governança global?

Presidente: Veja, eu penso que são duas coisas distintas, ou seja, eu acho que para a gente discutir a questão econômica, é preciso que haja manutenção do G-20 até nós concluirmos toda essa discussão de recuperação econômica. Se eu tivesse que escolher entre G-14 e G-20, eu ficaria com o G-20, que tem mais representação. Agora, é quase impossível a gente evitar que as pessoas se reúnam. Eles podem continuar se reunindo com o G-8, nós vamos continuar reunindo o G-5, isso não tem problema. Agora, é preciso valorizar o G-20, porque em setembro vamos ter uma reunião extremamente importante e em setembro nós vamos fazer uma verificação se as coisas estão andando realmente como nós decidimos em Londres, com relação ao G-20. Agora, as pessoas começarem a falar do G-14 é uma coisa importante. Por quê? Porque as pessoas estão levando em conta que não é possível, hoje, mais discutir economia, discutir qualquer assunto sem levar em conta a China, sem levar em conta a Índia, sem levar em conta o Brasil, sem levar em conta a África do Sul, sem levar em conta o México. Então, é importante. Agora, como eu acho que quanto mais países participarem, mais a gente tem chance de evitar erros nas nossas decisões, eu acho que o G-20 é uma boa pedida para resolver o problema da crise econômica, e eu acho que nós precisamos manter ele reforçado.



Jornalista: O que faltou ser discutido aqui? De mais importante?

Presidente: O que nós não discutimos aqui? Eu acho que nós discutimos os temas mais importantes, gente, da atualidade. Hoje, por exemplo, nós dedicamos a manhã inteira para discutir a questão do combate à fome e a questão dos investimentos nos países pobres, sobretudo no continente africano. Eu acho que foi uma discussão extremamente importante. Todos os países estão mais solidários, todos os países estão querendo colocar mais dinheiro, todos os países estão querendo aprofundar como aumentar a produção no continente africano. Eu acho que é uma evolução importante. Então, eu acho... além da questão do clima, que todo mundo está se dando conta de que a discussão de Copenhague sobre a questão climática é de tamanha importância para a Humanidade e, sobretudo, a responsabilidade. Nós temos um pouco de divergência porque nós achamos que é preciso combinar aqueles que falam em pagamento pelo sequestro de carbono com a diminuição das emissões, porque se ficar apenas o pagamento pelo sequestro de carbono, o que vai acontecer? Os países ricos, como têm dinheiro, vão continuar emitindo gases de efeito estufa e vão pagar para os outros sequestrarem. Então, é preciso que haja uma combinação, né? Você paga pelo sequestro, mas você é obrigado a diminuir as emissões de gases de efeito estufa. Mas eu penso que até Copenhague nós vamos nos colocar de acordo sobre isso, porque há uma disposição política propositiva para que a gente chegue a um acordo.

Jornalista: Presidente, com relação ao quadro político do Brasil. O senhor, desde que saiu e veio aqui para a Europa, a gente viu uma série de modificações em relação ao quadro que estava desenhado, em relação ao Senado. A bancada do PT se rebelou... a gente... não seguiu a sua orientação à risca, e nós temos hoje a situação em que o presidente Sarney foi



praticamente forçado a rever a sua posição e instaurar, aceitar a instauração da CPI da Petrobras, que será na terça-feira. O que o senhor tem a dizer a respeito desses dois fatos e da última...

Presidente: Nada. Nada, querida. Quando eu voltar, na segunda-feira, em Brasília, você me pergunte, que eu vou me atualizar sobre todos os temas brasileiros. Aí você pergunta e eu respondo, com a maior *finesse*, tudo o que você perguntar.

Jornalista: O senhor chegou a falar com o presidente Sarney, nesses dias?

Presidente: Não.

Jornalista: E com os seus representantes no Senado?

Presidente: Não. Eu não conversei com ninguém, querida, até porque eu acho engraçada a idéia de que o Presidente da República enquadre o Senado. Você conhece bem, ou seja, senadores são enquadráveis [inenquadráveis], eles têm mandato de oito anos e eu só tenho de quatro.

Jornalista: Presidente, uma coisinha aqui...

Presidente: Mais uma pergunta, duas.

Jornalista: ... o Ronaldo “Fenômeno” disse em uma entrevista do Sport TV que o senhor estaria indicando empreiteiras para o Centro de Treinamento do Corinthians. Isso é verdade?

Presidente: O que eu gosto no Ronaldo é que ele marcou três gols contra o



Fluminense, é que ele marcou três gols contra o Fluminense. O Corinthians, todo mundo sabe a história do Corinthians. Desde 1963, o Corinthians pensa em fazer um estádio de futebol e nunca conseguiu fazer. Em um tempo desses, o Corinthians me apresentou um projeto de estádio para a Copa do Mundo, e eu disse ao Corinthians que era preciso que eles encontrassem uma empresa para fazer o estádio, que conseguissem financiamento e que tivesse garantia. As empresas existem no Brasil, o banco existe. É preciso saber o seguinte: que garantia que se dá para construir o estádio? Garantias concretas, porque nenhum banco vai emprestar dinheiro se não tiver garantia. Eu comentei isso com o presidente do Corinthians, que era preciso fazer um projeto sério, estabelecer a garantia que eles iam dar, porque senão não tinha banco para fazer empréstimo para ninguém.

Jornalista: Mas o senhor não indicou nenhum nome?

Presidente: Não indiquei porque tem muitas no Brasil, e se eu indico eu vou ficar inimigo de algumas.

Jornalista: Presidente, agora o senhor passou esses dias (incompreensível) na economia mundial. O senhor sai, depois de tudo o que o senhor ouviu, o senhor sai mais otimista, mais pessimista? E o senhor sente que, pelo que o senhor percebeu aqui, a economia (incompreensível) para melhor?

Presidente: Depende de país para país. Eu acho que se a gente analisar pelos discursos que todos fizeram, eu acho que o pior já passou na maioria dos países. Você tem o discurso sincero do Obama, que diz que os americanos vão ter que se acostumar, que o padrão de consumo que eles tinham eles não vão poder ter outra vez. É preciso que as pessoas maneirem.

Mas o otimismo dos países é muito importante. Você tem quedas



bruscas no PIB da Alemanha, da Suécia. Mas eu penso que todos eles estão convencidos de que a partir do próximo ano vão estar em uma fase de crescimento já. Tem outros como a Suécia, que caiu menos; tem outros como a Austrália, que caiu menos; a China está em uma situação boa, seria melhor se ela estivesse crescendo 14% ao ano. De forma que eu não senti nenhum clima negativo com relação à crise econômica. Há um processo de preocupação porque vai ter mais desemprego, vai ter uma série de coisas. Mas eu acho que os países emergentes estão em uma situação mais confortável.

Jornalista: O senhor conversou com as autoridades italianas sobre o Cesare Battisti? Foi perguntada alguma coisa para o senhor?

Presidente: Não.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) sugeriu, mencionou a hipótese de que o Brasil passe a (incompreensível) Irã, um exemplo de país (incompreensível) não-utilização (incompreensível) energia nuclear, para conversar com as autoridades iranianas. Eventualmente, o senhor tem alguma intenção, eventualmente, conversar (incompreensível) Ahmadinejad vai ao Brasil?

Presidente: Veja, ou ele vai ao Brasil... eu tenho demonstrado vontade de ir lá, também. Ele é um parceiro importante para o Brasil, nós temos que ir lá. O que eu quero, na verdade, é que o Irã pense sobre armamento nuclear aquilo que pensa o Brasil e aquilo que faz o Brasil, ou seja, você pode manusear energia nuclear, desde que seja para fins pacíficos.

Jornalista: Então, o senhor vai...



Presidente: Eu não sei se a gente vai ter agenda lá. Eu gostaria de ir lá e gostaria que ele viesse aqui, para que a gente pudesse aprofundar nossas relações.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, sobre o dólar eu já falei e vou repetir apenas o que eu já disse, ou seja, o que estamos propondo é que os nossos ministros da Fazenda e os Bancos Centrais dos principais países que têm forte relação comercial comecem a estudar a possibilidade de você fazer as trocas comerciais nas moedas dos dois países e não com a interferência de ter que comprar dólares. Nós estamos fazendo com a Argentina, é uma coisa muito incipiente, mas já propus ao presidente Hu Jintao, já propus ao primeiro-ministro Singh, que o G-5 comece a discutir as suas relações em suas moedas, para que a gente não tenha que ficar vulnerável cada vez que vai comprar dólar. Foi isso.

Com relação a Honduras, me parece que tem um processo de conversação coordenado pelo presidente da Costa Rica. Eu estou...

_____ : Mas não terminou, também, não. Não terminou, também, não.

Presidente: Gente, mas vocês acham que essas coisas acontecem no dia em que se reúnem? Essas coisas, às vezes, levam dias, levam meses. Se fosse fácil, já tinham resolvido. Aliás, se fosse fácil, não tinha nem acontecido. Essas coisas são complicadas mesmo. Gente, olha...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: (incompreensível) mesa, e acabou o mandato do Zelaya, aí... gente, eu vou ter que ir embora, gente. Vocês vão ver o Papa, amanhã? O



Obama vai ver o Papa, não vai?

Jornalista: Se o senhor for, a gente vai.

Presidente: Não. Eu já vi o Papa no ano passado. Tchau, gente, boa viagem.
Fiquem com Deus.

Jornalista: Obrigada.

(\$31DGJLMQ)